

ANALFABETISMO DIGITAL

Gabrielly Camili Luna De Santana¹
Helen Lopes De Castro²
Manuela Maria De Albuquerque Farias³
Rayan Gabriel Rodrigues Ferreira⁴
Rayanne Manuela Paula Gomes Da Silva⁵

RESUMO

O analfabetismo digital refere-se a uma incapacidade em “ler” o mundo digital e mexer com a tecnologia moderna, principalmente com relação ao domínio dos conteúdos da informática como planilhas, internet, editor de texto, desenho de páginas e outros. A causa do analfabetismo tecnológico é associada à impacto da exclusão digital no mercado de trabalho e a família de baixa renda sofre com isso, pelo motivo de que o mundo atual é muito tecnológico e quem não se interessa em aprender o mundo digital vai ficando para trás. Denunciada em todo o mundo como a forma mais moderna de violência e modalidade sutil de manutenção e ampliação das desigualdades e como ela se relaciona com o futuro do trabalho, Tal exclusão não se dá apenas no interior das classes sociais de um país, trata-se também entre nações e continentes. Os números são assustadores e os efeitos devastadores, não só no que diz respeito a fossos econômicos, como também, culturais. Para o caminho de inclusão digital o Brasil possui um programa de alfabetização digital chamado MOVA digital, criado pela secretaria municipal de Educação de São Paulo em 2001, baseado na pedagogia do educador Paulo Freire.

Palavras-chaves: Família de baixa renda; Classes sociais

1. Introdução

Segundo o IBGE são onze milhões de analfabetos funcionais no Brasil. Aqueles que, embora saibam assinar o nome não tem instruções básicas para ler e nem escrever. No entanto, 170 milhões de brasileiros não tem acesso a internet no país. São 11 contra 170, e essa conversa vai de tom de dificuldades ao um obstáculo sem precedentes, Já que temos gente que não sabe o que é WI-FI, que não tem um e-mail e tão pouco sabe o que é um smartphone.

A deficiência começa a formar pessoas, e a conta não se fecha. Se o formato convencional do ensino brasileiro já é falho, imagina o que acontece quando despencamos uma legião de pessoas mal instruídas para a vida digital com a possibilidade de fazer o que quiser. Os absurdos e crimes virtuais serão uma realidade cada vez maior, e o que deveria incluir, será o motivo de exclusão. Segundo a educadora Emília Ferreiro, com o computador assumindo função principal na informação, é fundamental que a sociedade se preocupe com as pessoas que estão à margem desta evolução, para não gerar uma massa de analfabetos tecnológicos. Nesse sentido, o professor está longe de dominar os conhecimentos que o computador exige, chegando a fazer parte deste analfabetismo que cresce em todo o mundo (MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete)

¹Graduanda em Ciências Contábeis na Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA

²Graduanda em Ciências Contábeis na Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA

³Graduanda em Administração na Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA

⁴Graduanda em Administração na Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA

⁵Graduando em Administração na Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA

E não temos certeza de nada, mas podemos ter atitudes hoje que contribuam para a transformação digital que tanto desejamos. Educação não é vacina, mas é o melhor que podemos fazer para criar uma onda de analfabetismo digital. A reflexão aqui é de estimular todos a pensar como vamos barrar os avanços do analfabetismo digital e evitar que estes 170 milhões e muito mais de brasileiros sem acesso a tecnologia consiga buscar oportunidades de transformar suas vidas, inseridos no virtual de forma clara, na prática teremos mais gente com o dispositivo na mão, mas que não saberá ao certo para que serve.

2. Desenvolvimento

O analfabetismo digital acontece quando um cidadão não consegue entender as ferramentas existentes no universo da computação. Dessa maneira, a pessoa não sabe utilizar um editor de textos e muito menos a navegar na internet. No entanto, a situação vai além e faz referência também á falta de acesso à internet, o que engloba ainda insegurança na navegabilidade. Trata-se de um aspecto que necessita de muitos avanços no Brasil, pois o acesso à rede ainda é deficitário e faz com que muita gente seja excluída dos avanços tecnológicos.

2.1. Como evitar o analfabetismo digital?

Para que o analfabetismo digital seja evitado, é importante que as escolas tenham projetos pedagógicos que vão além de conteúdos deslocados da realidade cotidiana dos estudantes ou do estímulo a uma aprendizagem decorada com a informática. O ambiente escolar que ensina a refletir, opinar e aplicar os conceitos estudados em situações reais promove uma formação plena.

O alcance de proficiência na alfabetização está diretamente relacionado à leitura e à escrita. Afinal, esses são os dois grandes pilares do letramento. Portanto, o incentivo a esses hábitos é um grande aliado no combate ao analfabetismo digital. Algumas ideias para promover o hábito da leitura são criar clubes de livros, estimular o uso das bibliotecas e promover iniciativas de fomento à escrita. Com essas práticas dentro da escola, os estudantes poderão ter uma média de desempenho grande com a tecnologia e aprender mais com o universo das redes.

É o caso, por exemplo, de quem consegue mexer nas redes sociais sem problemas, mas tem dificuldades em mexer em Excel, Word de forma mais profunda. Por isso, também é interessante que a escola ajude os estudantes a desenvolverem a capacidade dos alunos. No projeto pedagógico.

Mesmos os analfabetos funcionais estão presentes no mundo digital. De acordo com o INAF, 86% desse grupo de brasileiros utiliza o WhatsApp, enquanto 72% é usuário ativo do Facebook. No entanto, existe dificuldade em discernir conteúdos e interpretar informações, além da propensão para compartilhar dados falsos ou manipulados. Por isso, é interessante que a escola reconheça o papel da tecnologia na educação e dê atenção à cultura digital para garantir não somente a redução do analfabetismo funcional, mas também para contribuir com o combate à desinformação. Essa é, inclusive, uma das competências previstas pela BNCC: ajudar o estudante a utilizar a internet de forma crítica, reflexiva e ética.

2.2 Analfabetismo digital no cenário da pandemia da Covid-19

A partir da chegada da pandemia da Covid-19 no Brasil, o acesso a educação, um problema já existente no país, destacou-se de maneira preocupante. A principal

mudança foi a substituição do modelo de ensino implantado no país, sendo o modelo presencial o vigente até a pandemia, convertido para o modelo remoto. Dessa forma, a desigualdade de acesso a educação ampliou, acarretando situações como evasão estudantil, ressocialização social, além das sequelas futuras causadas pela falta de base de ensino.

A alteração de modelo educacional fez com que a adaptação a implementação da tecnologia de forma redundante e acelerada se tornasse um problema para os discentes e docentes que por ela passaram. Sendo obrigados a recorrer ao método remoto, um dos públicos mais prejudicados pela mudança foi o da educação infantil, tendo em vista que a concentração é uma das principais barreiras no processo de ensino. A longo prazo, serão explicitadas novas sequelas para o público citado, tendo em vista que a base de ensino não foi construída de forma sólida.

De modo geral, o analfabetismo digital pode ser considerado vertente de outros tópicos mais profundos, como a falta de acesso a tecnologia e inovação, sendo esse fator na maioria das vezes interligado com o baixo padrão social do estudante. Segundo dados disponibilizados pelo GOV, apenas 15,9% da rede estadual de ensino forneceu acesso gratuito ou subsidiado à internet em domicílio, sendo este um número que retrata a realidade de forma coesa. Com o objetivo de equiparar a qualidade de ensino, o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) propôs o chamado “contínuo curricular”, sendo este basicamente um período/ciclo com objetivo de priorizar as diretrizes/competências da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), tendo o período de dois anos para tal (2020-2022). Ademais, também podemos citar a falta de capacitação oferecida aos docentes como contribuintes para dificuldade de disseminação de conhecimento.

A falta de preparação não se dá apenas a propagação do ensino, mas também ao uso da tecnologia como ferramenta para tal. Além disso, também é importante frisar a dificuldade na criação de dinâmicas e técnicas de ensino que proporcionassem aos alunos maior eficácia no aprendizado. Por fim, o caminho mais otimista a se seguir afim de minimizar as sequelas causadas pelo analfabetismo digital é o da maximização do investimento na educação, principalmente levando em consideração os cortes de verba e inoperância governamental.

2.3 Comunicação digital: Perspectiva e desafios de um país conectado

Com mais de nove horas diárias gastas na internet, os brasileiros estão entre os mais conectados do mundo. Sob quaisquer aspectos que se observa, o país hoje é uma nação digital, com mais de 120 milhões de pessoas com acesso à web. Mas, espelhando o “país real”, essa conexão é desigual. Condições de acesso, qualidade da internet e até apreensão do conteúdo ainda dependem de questões regionais, econômicas e sociais.

Isso produz oportunidades e desafios, pois não basta às empresas estar online, é preciso saber como atingir e interagir com o público-alvo. E quanto mais amplo este, mais complexa a tarefa. Este artigo reúne um conjunto riquíssimo de dados, de diversas fontes, que irá possibilitar aos tomadores de decisão gerar insights e traçar correlações e causalidades. Ao final, apresentamos alguns pontos sobre como realizar uma efetiva comunicação digital em um ambiente tão diverso.

Com um potencial gigantesco, o Brasil ostenta, em qualquer setor, números de fazer inveja a países desenvolvidos. Lançada em maio, a 30ª Pesquisa Anual do FGVCIA, o Centro de Tecnologia de Informação Aplicada da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, núcleo da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP), traz um retrato do

mercado brasileiro a partir de uma amostra de 2602 médias e grandes empresas, com resultados que “comprovam o processo de informatização e digitalização das empresas e da sociedade”.

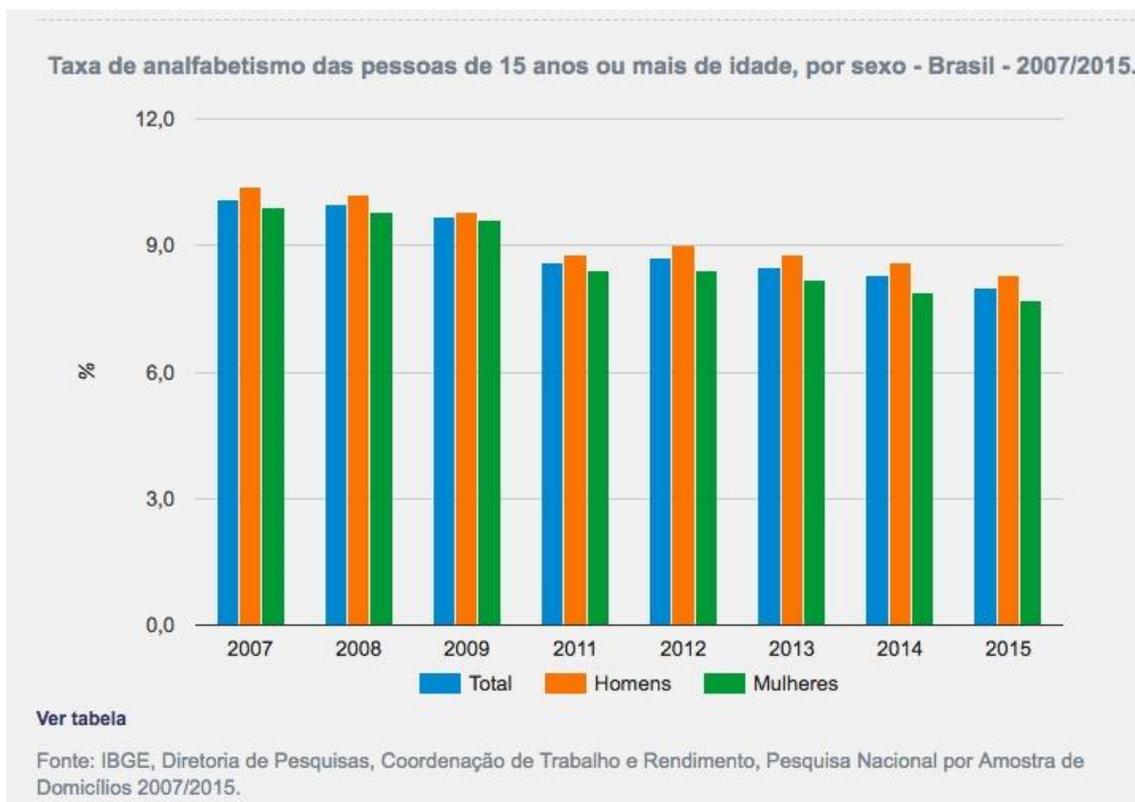
A pesquisa aponta, por exemplo, que fecharemos 2019 com 420 milhões de dispositivos digitais (computador, notebook, tablet e smartphone). Temos uma base de 264 milhões de celulares ativos, sendo 230 milhões de smartphones. Isso em um país de 210 milhões de habitantes. São dados que corroboram as informações do recente relatório da consultoria McKinsey & Company (Brazil Digital Report.): mais de dois em cada três brasileiros possuem smartphones e 71% deles usam seus celulares para acessar a web.

O Brazil Digital Report mostra também que estamos acima da média global (53%) no acesso à internet: 67% dos brasileiros, ou dois a cada três, estão conectados. Trata-se de uma população urbana (95%), majoritariamente jovem (25%, de 16 a 24 anos; 28%, de 25 a 34; e 16%, de 35 a 44 anos), com um leve predomínio feminino (53%) e, em geral, das classes AB (31%) e C (50%), com nível de estudo universitário (22%) e de ensino médio (49%) prevalecendo. Um perfil digital bastante heterogêneo.

Mas há um padrão perpassando todas essas faixas: a onipresença do smartphone. daquelas mais de nove horas diárias online, quase a metade – 44% – acontece por meio de um desses aparelhos. Mesmo com diferentes condições de acesso entre as regiões do país ou utilizando-se de planos de dados econômicos (caso da classe C), o brasileiro vem consumindo muita mídia digital. E utiliza o aparelho também como ferramenta de contratação de serviços e compras, não só para redes sociais e mensagens instantâneas.

Como atingir esse público, de analfabetos funcionais a proficientes, é uma tarefa e tanto para a comunicação digital das companhias. Vídeos, GIFs e memes podem ser utilizados a gosto, mas lembrando que boa parte das pessoas faz uso de pacote de dados econômicos. Clareza e concisão são imperativos, em especial quando a plataforma é, quase sempre, o celular. As réguas de comunicação, além de relevantes, devem se pautar pela máxima “nem tão frequentes que irrite, nem tão esporádicas que mal sabe-se quem é”.

Outro fator a se levar em conta é a do aplicativo. Ele pode não ser uma solução para seu público – questão de espaço na memória ou uso de dados. Um levantamento da Google, de 2015, mostrou que 25% dos aplicativos são deletados após uma única utilização. Pesquisa da Adjust, de 2018, aponta na mesma direção, ao mostrar que a maioria dos apps são deletados depois de 5,8 dias, em média. Em resumo: o brasileiro está online, e adora cada minuto, mas as condições socioeconômicas variam enormemente. Seja direto e didático.



Quadro 1- Exemplos dos Níveis de Gravidade

	Comunicação/ Interação	Padrões/ Restrições
Nível 1	È quando as pessoas conseguem ler e entender títulos e frases curtas. Elas sabem contar os números e até mesmo realizar contas básicas. Trata-se da alfabetização rudimentar.	È limitada quanto as informações que vem da internet.
Nível 2	È a alfabetização básica. Os indivíduos conseguem ler pequenos textos, mas não absorvem as informações. Também compreendem grandes números e até mesmo realizam contas básicas.	Não desenvolve as habilidades completas e pouco estímulo de aprendizado
Nível 3	Nesse nível, as pessoas dominam a leitura, a escrita e os números, mas não conseguem interpretar adequadamente o que leem.	Tem uma preparação para as profissões do futuro

3. Considerações Finais

O processo de transformação digital já se faz presente no mundo há alguns anos e nos traz novos desafios, tendências, e nos leva a repensar a forma como agimos em nossa vida privada e pessoal. São inquestionáveis os benefícios da tecnologia: a

comunicação ficou muito mais fácil e o acesso às notícias e informações ficou mais fluente, a alguns toques na tela.

Apesar de toda a facilidade e comodidade que as novas ferramentas nos proporcionam, a verdade é que muitas pessoas não as usam corretamente ou mesmo não fazem parte da sua realidade social. Para se ter uma ideia, no Brasil, enquanto ainda discutimos o analfabetismo funcional, as atenções de outros países já estão voltadas para um novo problema educacional: o analfabetismo digital.

REFERÊNCIAS

ANALFABETISMO, Conceito. **COMO EVITAR O ANALFABETISMO FUNCIONAL**. Equipe editorial de conceito, publicado em 2012; atualizado em 2019. Acesso em 10/11/2022

DIGITAL, Analfabetismo no Brasil **NÍVEIS DE GRAVIDADE** a redação publicado em 25/01/2022. Acesso em 20/11/2022

DIGITAL, Comunicação. **PERSPECTIVA E DESAFIOS DE UM PAÍS CONECTADO** Incuca publicado em 2021, Acesso em 25/11/2022

OPINIÃO, Notícias **ANALFABETOS FUNCIONAIS** IBGE publicado em 28/07/2019. Acesso em 23/11/2022

PANDEMIA, Impacto na educação **ANALFABETISMO DIGITAL NO CENÁRIO DA PANDEMIA DA COVID-19** INEP publicado em 2020. Acesso em 15/11/2022